

Mal-estar dos professores de Ciências e Matemática no Ensino Fundamental II

RESUMO

O artigo aqui apresentado tem como objetivo analisar as produções científicas disponibilizadas no Banco de Teses e Dissertações e no Portal de Periódicos da CAPES sobre o mal-estar dos professores de Ciências e Matemática no Ensino Fundamental II. Metodologicamente foi adotada a pesquisa bibliográfica, tendo como fonte principal de busca de dados, o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e o Portal de Periódicos da CAPES. A coleta abrangeu o período de 2012 a 2017. O corpus de pesquisa foi realizado com os descritores “mal-estar docente”, “sofrimento de professores”, “saúde ocupacional docente”. O corpus de análise foi constituído de sete trabalhos que tratam do mal-estar docente e possibilitou visualizar o panorama da pesquisa “mal-estar” docente. As dissertações e a tese foram lidas e contextualizadas no decorrer do artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Mal-estar docente. Ciências. Matemática. Mal-estar. Sofrimento de professores.

**Cristiane do Nascimento
Gonçalves Poltronieri**

crisngp95@gmail.com

Universidade do Estado de Mato Grosso -
UNEMAT, Barra do Bugres, Mato Grosso,
Brasil

INTRODUÇÃO

O mal-estar docente é um assunto discutido já há algum tempo por vários autores, porém um autor foi o que definiu o termo como mal-estar: José Manuel Esteve Zaragoza. Segundo pesquisas realizadas até o momento, a obra foi intitulada: “O Mal-Estar Docente: a sala de aula e a saúde dos professores”, no ano de 1999.

O autor define mal-estar da seguinte maneira “quando usamos o termo “mal-estar” sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e porquê” (ESTEVE, 1999, p. 12), o autor por ser espanhol ainda afirma em seu livro que

[...] o fenômeno do ‘mal-estar docente’ não é, de maneira alguma, uma peculiaridade do sistema educacional espanhol. Trata-se de um fenômeno internacional que alcança o conjunto dos países de nosso contexto cultural. Os primeiros indicadores começaram a se tornar evidentes no início da década de 80 nos países mais desenvolvidos. (ESTEVE, 1999, p. 11).

Segundo Esteve, a Suécia começa a abordar o problema em 1983, a França em 1984, o Reino Unido em 1995, a Alemanha em 1990 e a Espanha em 1984.

Assim, a pesquisa torna-se necessária porque os professores são parte fundamental do processo de constituição da sociedade, cuja função social é formar cidadãos críticos, o que lhes traz uma vasta responsabilidade. Concomitante a essa responsabilidade, existem pressões, necessidades que os professores devem realizar e alcançar, isso em níveis educacionais não é tão simples, considerando a precariedade que o docente, enfrenta no cotidiano laboral.

Por essas e por tantas outras interrogações, o professor tem sentido na pele esse mal-estar docente, fazendo muitas vezes com que os mesmos devam deixar o trabalho, por dias, meses, e em alguns casos por anos. Sendo assim

descontente com as condições em que trabalha, e às vezes, inclusive, consigo mesmo, o ‘mal-estar’ docente constitui-se uma realidade constatada e estudada, a partir de diversas perspectivas, por diferentes trabalhos de investigação. (ESTEVE, 1999, p. 22).

Pensando na pesquisa a ser realizada, então resolveu-se realizar uma revisão de literatura, para ser possível perceber o panorama atual, das pesquisas realizadas nesse âmbito, e ter uma noção desse cenário, colaborando assim com a compreensão do problema e com a produção de conhecimento nesse campo investigativo.

Como buscar melhorias qualitativas na educação com demandas, cada dia mais crescentes, em todas as redes públicas de ensino que conhecemos, de licença médicas dos professores? Quais os significados desses adoecimentos? Quais os motivos? Como suprir a ausência de profissionais em sala de aula? (JUNQUILHO, 2008, p. 7).

Essas questões permeiam nossa pesquisa em andamento cujo objetivo é analisar as produções científicas disponibilizadas no Banco de Tese e Dissertações e Periódicos CAPES sobre o mal-estar dos professores de ciências e matemática no ensino fundamental II. Fazendo com que continuemos em nossa busca pela compreensão do problema da saúde laboral docente.

Metodologicamente trata-se de uma pesquisa bibliográfica com coleta realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e no Portal de Periódicos CAPES.

Para a pesquisa foram usados os seguintes descritores: “mal-estar docente”, “sofrimento de professores”, saúde ocupacional docente”. No Banco de Teses e Dissertações foram encontrados sete trabalhos relacionados ao tema mal-estar docente em professores de Ciências e Matemática no Ensino Fundamental II.

No Portal de Periódicos da CAPES, não foi encontrado nenhum trabalho relacionado à pesquisa de mal-estar em professores de Ciências e Matemática no Ensino Fundamental. Por essa razão a pesquisa encontrou somente resultados no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

A primeira etapa de busca ocorreu no Portal de Periódicos da CAPES, cuja busca indicou que ainda há espaço para essa pesquisa, pelo fato de não obtermos resultado. Logo após, realizamos a pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, onde foram encontrados sete trabalhos que constituem o corpus de análise deste artigo, realizados entre 2012 e 2017.

Após essa busca, foi realizada a leitura dos títulos e resumos para podermos selecionar os trabalhos que condiziam com o que está sendo pesquisado. Nas tabelas abaixo temos as descrições dos trabalhos encontrados e selecionados. A partir de então partiremos para as discussões dos resultados encontrados na plataforma.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realizamos uma busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com o descritor “mal-estar docente”, para verificar quantitativamente e o resultado foi o seguinte:

Tabela 1 - “Mal-estar docente”

Ano	Quantidade
2012	4089
2013	5483
2014	6033
2015	6703
2016	4809
Total	27.117

Fonte: Autora.

Com o descritor “sofrimento de professores”, esse foi o resultado quantitativo da busca:

Tabela 2 - “sofrimento de professores”

Ano	Quantidade
2012	61.032
2013	68.087
2014	71.056
2015	76.277
2016	80.574
Total	357.026

Fonte: Autora.

Ainda como descritor “saúde ocupacional docente”, obtivemos o seguinte resultado:

Tabela 3 - “saúde ocupacional docente”

Ano	Quantidade
2012	15.598
2013	18.104
2014	18.938
2015	20.629
2016	22.024
Total	95.293

Fonte: Autora.

Somadas as 3 tabelas computam 479.436. Porém foram analisados os trabalhos que dizem respeito ao mal-estar dos professores de Ciências e Matemática no Ensino Fundamental, e com esses temas encontramos sete produções selecionadas para o *corpus* do tema desse artigo. A seguir, apresentamos a listagem das produções selecionadas e analisadas.

Quadro 1 - Produções analisadas

Título	Autor e ano
A QUALIDADE DE VIDA COMO CONSTRUCTO PARA COMPREENSÃO DO MAL ESTAR DOCENTE	ROSANGELA MARIA DA SILVA, 2014
AUTOGESTAO DOCENTE DE EMOCOES NEGATIVAS EM SITUACOES DE CONFLITOS RELACIONAIS NA SALA DE AULA	ANA PAULA DOS SANTOS SILVA, 2014
MAL-ESTAR NA DOCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO PÚBLICO DA SERRA GAÚCHA/RS	CARLA WEIRICH LAZZARI, 2014
A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O BEM-ESTAR DOCENTE	PABLIANE LEMES MACENA, 2014
MAL-ESTAR/BEM-ESTAR E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS BRASILEIRAS	LARISSA ARAÚJO BASTOS MACHADO, 2014
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE TRABALHO DOCENTE DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO COMPARATIVO	MARCIA DUTRA LIMA, 2014
O ADOECIMENTO DOS TRABALHADORES DOCENTES NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE BELÉM-PARÁ	MARIA IZABEL ALVES DOS REIS, 2014

Fonte: Autora.

Iniciando o reconhecimento das obras acima referidas, foi possível captar na dissertação de Silva, R. M. (2014), intitulada de “A Qualidade de Vida como Constructo para Compreensão do Mal-estar Docente”, que foi um trabalho realizado a partir de pesquisas bibliográficas e webgráficas, a pesquisa foi realizada no Ensino Fundamental da rede pública de Maceió, Estado de Alagoas. A pesquisadora percebeu uma certa insatisfação no trabalho docente e um elevado índice de adoecimento. Como diz a autora, notadamente causadas pelo estresse e outras patologias a ele relacionadas. A pesquisa mostra ainda que essa insatisfação tem influenciado na qualidade de vida desses docentes. A autora diz ainda que encontrou uma diferença entre o que seria uma boa qualidade de vida, como a mesma refere, de acordo com os teóricos da área, e a maneira como os professores vivem, principalmente na prática pedagógica. Concluindo que as condições de trabalho dos professores, interfere na sua satisfação profissional.

A pesquisa de Silva, A. P. (2014), teve como objetivo analisar a autogestão de emoções negativas de docentes em situações de conflitos relacionais na sala de aula, com base no modelo walloniano. Participaram da referida pesquisa 17 docentes pertencentes a duas escolas públicas de João Pessoa, no Estado da Paraíba, sendo 15 professoras e dois professores do Ensino Fundamental. Para a coleta de dados a autora utilizou-se da entrevista semiestruturada, procurando coletar dados referentes aos campos funcionais afetivo, motor e cognitivo, a partir

de como os participantes caracterizaram o conflito relacional em suas salas de aula, bem como as emoções negativas decorrentes da vivência desses conflitos.

A autora analisou essas entrevistas a partir da análise de conteúdo baseada em Bardin (2009). Os resultados mostraram serem a violência e a indisciplina na escola percebidas como os conflitos relacionais que enfrentavam nesse ambiente. A autora concluiu que as emoções negativas sentidas pelos docentes devem ser trabalhadas, e também ser consideradas, como elemento motivador para o trabalho docente, desde que adequadamente autogeridas. Logo enfatizou-se a necessidade, na formação docente, de desenvolver habilidades para que tais condições de aproveitamento das emoções negativas ocorram.

A pesquisa de dissertação de Lazzari (2014), teve como objetivo analisar as causas do mal-estar docente dos profissionais de uma escola de Ensino Médio pertencente à rede estadual de ensino localizada na região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Como metodologia de pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, os dados foram coletados por questionários sócio demográficos e entrevista semiestruturada e análise foi feita a partir dos pressupostos da análise de conteúdo, descrita por Bardin (2011). Os resultados apontaram, segundo a autora, a violência escolar, falta de apoio ao docente, os conflitos nas relações interpessoais envolvendo professores, pais e alunos, o senso de responsabilidade, o desgaste emocional e o sentimento de frustração, além da impotência, as principais causas do mal-estar docente.

A dissertação da autora Macena (2014), traz uma pesquisa que busca responder como ocorre a formação continuada dos professores de uma escola em tempo integral da Rede Municipal de Campo Grande/MS e se essa formação contribui para o bem-estar desses docentes. A autora analisou o documento da proposta das escolas em tempo integral: diretrizes de implantação e implementação na Rede Municipal de Educação de Campo Grande - MS (2009), buscando evidenciar as contribuições dessa proposta para a prática pedagógica dos professores e para o bem-estar docente.

Os professores participantes da pesquisa foram um grupo atuante da pré-escola e 1º anos do Ensino Fundamental, o estudo foi documental e bibliográfico, de observação, análise de questionários e também de narrativa dos professores. Foi usada a abordagem qualitativa. Quanto à conclusão, a autora diz que a instituição tem uma proposta inovadora que prima não só pela permanência do aluno na instituição, como também oferece um currículo que busca o desenvolvimento integral do aluno. E em relação à formação continuada de professores que atuam nessas escolas, é imprescindível, que a gestão escolar possa garantir aos docentes um ambiente de acolhimento e apoio, e também atividades de formações continuadas que vão ao encontro das reais necessidades dos docentes, proporcionando assim bem-estar aos docentes dessa instituição.

Machado (2014) realiza sua pesquisa em Goiânia, no Estado de Goiás, e a mesma tem o objetivo compreender e sistematizar as contribuições das produções acadêmicas brasileiras sobre mal-estar e bem-estar docentes, entre os anos de 2007 e 2011, e sua relação com o processo de profissionalização dos professores do Ensino Fundamental.

O banco de dados utilizado pela pesquisadora foi o Portal CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), buscando compreender o processo de trabalho e de profissionalização docente na educação básica e sua

relação com o mal-estar e bem-estar docente. Para a autora, mal-estar e bem-estar docentes estão relacionados com os ditames das políticas educacionais, enquanto catalizadoras da intensificação e alienação do trabalho docente. A mesma ainda diz que após suas leituras pode-se observar que as produções repetem o discurso do professor reflexivo, que disseminam a ideia de uma educação pragmática, voltado ao mercado, servindo ao sistema capitalista.

A dissertação de Lima (2014) teve por objetivo empreender um estado do conhecimento sobre representações sociais e trabalho docente de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em teses e dissertações defendidas no período entre 2002 e 2012 no campo da Educação e disponibilizadas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Objetivo dela foi investigar as contribuições desses estudos, para a compreensão do trabalho docente. Verificou-se que a maioria das pesquisas é estudo empírico e que os objetos de representação parecem ter significado para o grupo de sujeitos escolhidos; o quantitativo de sujeitos é muito variado e não foram fornecidas explicações para sua escolha, sendo que em dois estudos a quantidade de sujeitos não é apresentada; as abordagens mais utilizadas são a processual e estrutural, não tendo sido encontrado nenhum estudo voltado à abordagem social; a maioria dos trabalhos utilizam questionários e entrevistas para coleta de dados e análise de conteúdo para discussão dos resultados.

Na conclusão a autora pode verificar que professores dos anos iniciais do ensino fundamental convivem com sentimentos negativos, pois ora vivenciam a desvalorização da profissão, a precarização e a intensificação de seu trabalho, ora com positivos, porque se percebem como profissionais responsáveis pela formação das crianças. O professor vive momentos de insegurança e incertezas e tais sentimentos parecem intensificar o “mal-estar” docente, afetando diretamente o trabalho realizado pelos professores em sala de aula, sobretudo àquele que se refere ao processo de aprendizagem dos alunos.

Enfim, Reis (2014), em sua tese de doutorado, investiga o adoecimento de docentes no Ensino Fundamental da rede pública em Belém, no Estado do Pará, a partir das reformas educacionais implementadas no período de 2005 a 2012. A pesquisa foi realizada em duas etapas: a primeira foi pesquisa bibliográfica; a segunda foi a pesquisa de campo. A autora utilizou questionário estruturado e entrevista semiestruturada para a coleta de dados. Os resultados indicaram que as causas do adoecimento estão relacionadas: a) às condições de trabalho em seu sentido lato, indicando a existência de processos de intensificação e de precarização do trabalho docente; b) às políticas de formação continuada com acentuados graus de exigências das avaliações do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB; c) a existência de mal-estar docente, corroborando com os desgastes e pouca satisfação com o trabalho.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Durante nossas leituras e pesquisas sobre o tema encontramos um estudo sobre *a formação e a prática docente*, o qual foi realizado no Estado do Espírito Santo no século XIX (SIMÕES; SALIM; TAVARES, 2008). Os autores dessa investigação, depararam-se com um pedido de renúncia de um Professor no ano de 1838, que assim dizia:

Tendo me sido concedida vitaliciamente a Cadeira de Gramática Latina desta Villa [San Matheus], de que tomei posse em 12 de março e conhecendo eu em tan curto espaço de tempo, quanto seja nocivo a minha saúde e prejudicial aos meus interesses particulares (por motivos que não cabem aqui expressar) [...] continuar por mais tempo a exercer o referido emprego, que bem a meu prezar ainda exerci até ontem [...]. Respeitosamente declaro a V. Ex.^a, que renuncio a mencionada Cadeira, que fica vaga para outro, que a pretenda. (apud SIMÕES; SALIM; TAVARES, 2008, p. 26).

A partir da leitura desse texto, podemos fazer uma reflexão, e nos perguntamos: o que levou esse professor a considerar a docência nociva a sua saúde? Diversas questões percorrem nossa percepção, como seriam as condições do trabalho desse professor? Seriam as relações interpessoais (professor-professor; professor-aluno; professor-diretor)?

É importante relacionarmos o presente com o passado, para podermos ter uma linha do tempo e aí então correlacionar se há problemas similares com os quais nos deparamos hoje, ou, se é tudo diferente sem nenhum tipo de similitude. Nós também aprendemos com o passado, ele nos ensina a não cometer os mesmos erros.

Para nós professores, é importante termos um olhar voltado ao passado, para ter um potencial eficaz com o presente, detectarmos problemas antigos e melhorá-los em nossos dias atuais, conhecer esse passado faz com que enfrentemos com mais coragem o presente e aprimoremos o futuro.

No Brasil, a partir do Segundo Império (1840-1889), o projeto político instaurado visava o fortalecimento da Monarquia e do Estado, para alcançar a unificação nacional. Consciente da importância da dimensão cultural na consolidação desse projeto político, o governo imperial buscava constituir uma identidade cultural que ensejasse o sentimento de unidade nacional (SCHWARZ, 1998).

Porém, é sabido que na realidade não era bem assim, a situação existente na época, era de um número inadequado de escolas públicas e de necessidade de melhorar a qualidade do ensino.

“[...] o exercício do magistério, desde aquela época, tem sido marcado pela precariedade das condições de objetivação das práticas em escolas públicas [...]” (BARROS, 2008, p. 36).

O desejo de que a cultura fosse disseminada a todos existia. Na prática, a situação não correspondia ao desejável. Porém, o pensamento agora era de que o desenvolvimento intelectual poderia ser um poderoso instrumento para a evolução dos cidadãos, gerando uma expectativa na educação. Contudo, esse pensamento esbarrava em alguns obstáculos, que podem ser explicados pelos seguintes fatores:

[...] pobreza de pessoal e a insignificância dos ordenados com que são gratificados os professores públicos; faltas de vias de comunicação que impedem a frequência de muitos alunos a quem por serem pobres 233plica233 de meios de transporte ou de se estabelecerem perto de escolas e ainda, a pobreza de grande parte da população o que leva os pays a distraírem muitas vezes seus filhos da escola para explicá-los como auxiliares no serviço de que subsistem especialmente na ocasião das colheitas (OLIVEIRA, 1975, p. 357).

Percebe-se que desde os documentos redigidos no século XIX, há a questão dos baixos salários do professor, questão muito discutida ainda hoje em pleno século XXI. Ainda no século XIX a formação do professor também era tratada como um ponto nevrálgico, que exigia atenção. Esse problema de baixo salário tinha como uma consequência que perdura até hoje: a fuga de professores para outras áreas, o que a época a solução do Estado era contratar pessoas sem a formação requerida o que é feito até hoje.

[...] não é pequeno o número de cadeiras que se acham vagas, e a causa primordial desta vacância é a exiguidade dos ordenados e com razão, quem se julgar habilitado a um concurso, como recurso de outros empregos públicos não almejará o provimento de uma cadeira com diminuto ordenado e em logares baldos de recursos e onde a vida é tão cara. (MARQUES, 1878 apud BARROS 2008 p. 154).

Para Enguita (1991, p. 41), a profissão docente encontra-se marcada por “[...] agudos conflitos em torno do seu estatuto social e ocupacional, dentre os quais a polêmica salarial tem sido apenas a parte visível do iceberg”. Aparentemente parece que o salário não teria nada a ver com as questões de mal-estar docente, o que seria um engano, pois os poucos salários permitem aos professores terem outros empregos e que pode gerar estresse, gerar falta de dedicação ao fazer docente. Um exemplo que ocorre no Estado de Mato Grosso é de os professores terem dois vínculos no Estado de 30 horas cada, o que computa 60 horas de trabalho, dos quais 20 em hora atividade e 40 de regência. Aplicado isso a um professor de Química, por exemplo, que geralmente, tem uma hora aula, é requerido 40 turmas para computar a carga horária das duas cadeiras, o que pode gerar estresse e levar ao mal-estar docente, causando afastamento médico e até mesmo a desistência.

Em se tratando de afastamento médico, há informações de relatos de licenças médicas facultadas aos professores, em um relatório de 1874:

Durante o período de 11 de fevereiro a 21 de julho do referido ano, foram deferidos 12 pedidos de licenças solicitados por professores da instrução pública. Desse total, cinco alegaram problemas relativos à saúde que lhes impossibilitavam o exercício da profissão, obtendo afastamento remunerado de um a três meses. Os demais solicitaram afastamento sem vencimento e não justificaram o motivo do pedido. (SIMÕES; SALIM; TAVARES, 2008, p. 37).

Segundo os autores, uma hipótese possível para explicar os pedidos de afastamento seria a sujeição desses professores às condições de remuneração que frequentemente os obrigavam a jornadas duplas ou triplas de trabalho, o que não é diferente de hoje. Outra questão do século XIX que nos chamou a atenção foi, o fato de os professores se mostrarem preocupados com a falta de material didático e precariedade das instalações escolares, o que persiste até hoje.

Quando nos deparamos com esses fatos, que ocorreram no século XIX, começamos a pensar e nos indagar sobre o que está diferente e o que nos parece análogo no trabalho docente hoje, em pleno século XXI? Podemos responder essa pergunta servindo-nos de Konder ao afirmar que

[...] nossa relação com o passado só será verdadeira se mexer conosco, se nós estivermos dando conta de que aquele passado nos concerne, tem algo de nós. Todo passado está carregado de possibilidades de futuro que se perderam e que teriam (ou tem?) para nós uma significação decisiva [...] (KONDER, 1999, p. 66-67).

E ainda assim quando pensamos nesse passado, refletindo e tentando aprender algo para melhorar nosso futuro, estamos sendo agentes transformadores. Transformar é um trabalho árduo que exige tempo e dedicação, por isso nem sempre é fácil. Porém, é só a partir dessas ações transformadoras que iniciamos uma luta pelo avanço no que se refere a valorização da profissão docente, vislumbrando um futuro com menos contratempos e mais benefícios e bem-estar.

Enfim, essa foi nossa pequena peregrinação ao século XIX, no anseio de vasculhar indícios que nos permitisse encontrar elementos de mal-estar docente ou sofrimento de professores ou ainda saúde ocupacional naquela época, tentando formar uma linha de tempo para melhor compreensão do problema.

Continuando a nossa viagem, deixaremos agora o século XIX, porém não completamente, pois suas contribuições já estão intrínsecas nos anos que seguem e que seguirão a educação, pois a mesma é feita de uma linha contínua como se fosse uma flecha voando e cortando o tempo e deixando suas marcas por onde passa e ao deixar essas marcas gera descontinuidade.

TRAVESSIA

Quando fazemos a travessia do século XIX para os séculos XX e XXI, podemos continuar nossa investigação sobre o mal-estar docente. Assim sendo, continuaremos a nos fundamentar em autores que tratam desse tema. Como é o caso do pesquisador espanhol Esteve (1999), o qual considera que o mal-estar docente é um fenômeno internacional, como segue:

O fenômeno do “mal-estar docente” não é, de maneira alguma, uma peculiaridade do sistema educacional espanhol. Trata-se de um fenômeno internacional que alcança o conjunto dos países de nosso contexto cultural. Os primeiros indicadores começaram a se tornar evidentes no início da década de 80 nos países mais desenvolvidos. (ESTEVE, 1999, p. 99).

O autor afirma que a constatação dos primeiros indícios do fenômeno surgiu na década de 80 na Europa com a denominação de mal-estar docente, porém antes dessa década, já havia preocupações com a *saúde do trabalhador docente*. A nova nomenclatura (*mal-estar docente*), segundo Esteve (1999, p. 11), aparece na primeira edição da obra intitulada “*O mal-estar docente*” de autoria do próprio Esteve, publicado em 1987. Até então tinha-se apenas ouvido falar de uma crise da profissão de educador que não fez senão crescer desde então¹.

O termo *mal-estar docente* é usado quando algo não vai bem, porém, sem sermos capazes de definir o porquê. Segundo Silva (2006, p. 82),

A organização do trabalho pode gerar uma força libertadora e emancipadora, que possibilita a autonomia dos integrantes e uma sinergia altruísta nas relações humanas no ambiente de trabalho ou uma força opressora com nível de tensão alto, que aliena os integrantes e prejudica sua saúde mental.

Contudo, isso depende muito da personalidade do docente, pois se há um conflito interno ele pode produzir uma reação que pode ser patogênica ou não. Uma reação patogênica pode produzir o estresse. Esses conflitos internos podem gerar estresse nos professores que, por sua vez, possuem fatores primários e secundários:

Entre fatores primários, referindo-se aos que incidem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas; e, por outro lado, fatores secundários, referentes às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência. (BLASE, 1982, p. 103 apud ESTEVE, 2011 p. 27).

Dentro dessas questões postas por Blase, Esteve afirma que

A ação desse segundo grupo de fatores é indireta, afetando a eficácia docente ao promover uma diminuição da motivação do professor no trabalho, de sua implicação e seu esforço. Isolados, tem apenas significado intrínseco, mas, quando se acumulam, influem fundamentalmente sobre a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional, gerando uma crise de identidade que pode chegar, inclusive, à autodepreciação do ego. (ESTEVE 1999, p. 27).

Essa autodepreciação não é algo difícil de se compreender, os professores têm passado por diversos impasses entre eles está a desvalorização social e financeira da carreira que pode levar a esse comportamento de autodepreciação e evidentemente ao mal-estar docente. Por outro lado, a autodepreciação também tem influências externas como a depreciação dos pais diante da escolha profissional dos filhos, pois,

Para muitos pais, que alguém tenha escolhido ser professor não está associado ao sentido de uma vocação, mas ao alibi de sua incapacidade de “fazer algo melhor”; ou seja, para dedicar-se a outra coisa em que se ganhe mais dinheiro. Certamente o salário dos professores constitui mais um forte elemento da crise de identidade que os afeta. (ESTEVE, 1999, p. 34).

Em se tratando dos salários várias pesquisas tem demonstrado que os salários dos professores são baixos, o que contribui com a depreciação do trabalho e da carreira do docente. O que não é diferente no Brasil, pois,

No que concerne à renda salarial dos professores da educação básica no Brasil, diz a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação que, apesar de terem recebido reajustes acima da média na última década, esses professores continuam com os salários mais baixos do país entre os profissionais com nível superior. (NASCIMENTO, 2017, p. 64).

Com relação ao tema, durante nossos estudos, foi possível constatar que isso ocorre ao longo dos séculos.

No ofício enviado ao ministro do Império, em 1854, o Presidente da Província associava claramente a má formação docente aos baixos salários pagos aos professores. Os baixos salários, por sua vez, obrigariam os professores a buscarem alternativas para o seu sustento (SIMÕES, SALIM; TAVARES, 2008, p. 32).

Ainda nesse sentido corroborando com a proposição, podemos verificar que

No Brasil, segundo os últimos dados do Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2003) e do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep, 2003), existem perto de 2,5 milhões de professores atuando nas escolas primárias e secundárias das redes pública e privada. Cerca de 250.000 entre eles atuam no nível pré-escolar; 41.000 trabalham nas classes de alfabetização (1ª série); 1.600.000 nas escolas primárias (5ª a 8ª séries) e 450.000 no ensino médio; por fim, 43.000 atuam no setor da educação especial. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que uma grande parte dos professores têm mais de um emprego e precisam cumprir dois ou três contratos semanalmente para receber um salário decente (TARDIF, 2017, p. 22).

Esses dados demonstram o tamanho do problema que o baixo salário desencadeia, nas informações citadas acima podemos ver claramente o fato do

professor com dois ou três contratos cumprir 60 horas semanais – que é o teto constitucional –, como é o caso da realidade matogrossense. Essa sobrecarga provoca fadiga, estresse, que culmina no mal-estar docente.

Litt e Turk (1985), ao estudarem as principais razões dos professores para pensar em abandonar o magistério, se depararam

[...] em primeiro lugar com o tema dos salários (76%) e em segundo, com outra questão relacionada ao status: as poucas oportunidades de progredir (45%). O primeiro problema em relação ao trabalho do professor em sala de aula aparece colocado em terceiro lugar (34%), identificado como: “trabalho demais a ser feito ou muito pouco tempo para fazê-lo” (LITT; TURK, 1985, p. 184).

Como podemos verificar, são crescentes as pesquisas em que se confirma a hipótese de que os baixos salários influenciam diretamente na degradação do trabalho docente. Influenciam diretamente não só na degradação do trabalho docente. Mas também na identidade profissional e individual (enquanto pessoa humana). Não estamos dizendo aqui que o professor seja um trabalhador que só objetiva o dinheiro. Pelo contrário, considerando que vivemos em uma sociedade capitalista, o salário justo, compatível com o trabalho exercido, com a formação, é imprescindível para a sobrevivência nessa sociedade que é

[...] hipócrita e ambivalente quando aplica a nós, professores, o velho discurso da abnegação e do valor espiritual e formativo do nosso trabalho, quando na verdade deprecia tudo que não tenha valor material. (ESTEVE, 1999, p. 19).

Tudo isto demonstra que em nossa profissão vivíamos e ainda vivemos tempos difíceis que afetam diretamente a pessoa do professor, precisamos nos posicionar de maneira crítica e se necessário influenciar a formulação das políticas públicas de maneira organizada.

Ainda entre os fatores externos que influenciam o mal-estar docente, estão aqueles advindos do ambiente externo da comunidade social, da família e de outros como bem retratam Globe e Porter:

[...] o aparecimento de dificuldades evidentes devidas à transferência, por parte da comunidade social e da família, de algumas de suas atividades sociais e protetoras, anteriores à escola, sem que essa transferência tenha sido acompanhada das necessárias mudanças na formação profissional dos educadores, preparando-os para enfrenta-las com êxito, nem dos meios de que dispunham para responder às novas exigências; nem por último, das necessárias mudanças estruturais para adaptar-se às novas circunstâncias. Segundo eles, “em vez de se produzir uma adaptação sistemática à situação por parte dos professores em exercício e dos encarregados da formação profissional, essa ampliação do papel de professor produziu um aumento de confusão no que se refere à capacitação de que ele necessitava e a quando e como devia explicá-la. Ou seja, produziu-se uma grande confusão com respeito à complexa e extensa função do professor. (GLOBE; PORTER, 1980, p. 24).

Além de tudo isso, há ainda outras situações que afetam o docente no exercício de suas atividades, entre eles estão as exigências dos programas governamentais da informática na educação, pelos quais os professores recebem computadores, tablets, sem a formação de como utilizar esses aparelhos no ensino de Química, Física, Biologia e Matemática, o que de certa forma acaba preocupando o professor, que se vê impotente e constrangido diante de uma ferramenta que ele não sabe manusear, tornando árduo e penoso o seu trabalho ao ver-se desprovido de condições para enfrentar , esses desafios.

Pactuando com esses pensamentos, Milstein, Golaszewski e Duquette (1984, p. 293) afirmam que: “Quando nosso contexto é estável, a maior parte de nós podemos enfrenta-lo. Não obstante, quando nosso contexto muda rapidamente, até o mais saudável encontra dificuldade para enfrentar o estresse”. Essas mudanças são sentidas mais por uns que por outros, porém todos podemos percebê-la, pois

[..] temos de nos adaptar a essa condição cultural e para adaptarmos a essas condições culturais e ambientais estabelecemos reações do organismo frente às agressões que sofremos, tanto do ponto de vista físico como psicológico. (SILVA, 2006, p. 62).

Não podemos simplesmente dizer que o mal-estar docente afeta a todos os professores, pois somos seres diferentes, que percebemos, sentimos e reagimos conforme nossa personalidade e o meio em que se situa profissionalmente. Devemos sempre recordar que não há separação entre o indivíduo e o meio em que ele vive, além de ser influenciado pelo meio ele pode influenciá-lo também, com menor ou maior impetuosidade.

Por outro lado, na rotina das escolas públicas, principalmente aquelas que são praticamente esquecidas pelo poder público, encontram-se inúmeras dificuldades, que traz desânimo ao docente, o qual tem uma espera sem fim nas melhorias das condições de trabalho (má infraestrutura, condições para obter material didático), para que suas aulas possam ao menos atingir o esperado no aprendizado de seus estudantes. Além do mais,

A expansão da rede de ensino, evidenciada pelo aumento do número de vagas e de matrículas nas escolas, não foi acompanhada de investimentos proporcionais por parte do governo na área educacional (DINIZ 2000, p. 19).

Esteve (1999) ao retomar os dois grupos de indicadores de mal-estar docente postulados por Blase (1982), para classificar o estresse docente: fatores primários e secundários, considera que os fatores primários se referem aos que acometem diretamente sobre a ação do professor em sala de aula, produzindo tensões associadas a sentimentos e emoções negativas. Os fatores secundários referem-se as condições ambientais, ao contexto mesmo em que se exerce à docência. De acordo com o autor, a ação dos fatores secundários é indireta e afeta a eficácia docente ao promover uma diminuição da motivação do professor no trabalho, de sua implicação e seu esforço. Isolados, têm apenas significado intrínseco, mas quando se acumulam, influem fundamentalmente sobre a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional, gerando uma crise de identidade que pode chegar, inclusive à autodepreciação do ego (ESTEVE, 1999, p. 27).

Devemos ter um olhar crítico às posturas que tendem tratar o mal-estar docente como algo meramente pessoal, pois, muitas vezes o professor nem tem a coragem de falar abertamente com os colegas de trabalho sobre o assunto, porque pode ser considerado como uma simples fraqueza do pessoal. O mal-estar docente gera sofrimento que nem sempre é percebido pelos colegas e familiares. Segundo Camana (2007, p. 96), “o sofrimento do professor é relegado ao registro de doença e imputado a uma fraqueza da pessoa”. E isso termina causando um certo constrangimento, porque o professor se sente ineficiente diante dos colegas, e, assim sendo, acaba mantendo para si essa perturbação, sem ao menos procurar apoio.

Em uma pesquisa realizada por Louzada e Barros (2008) foi possível perceber a culpabilização que vem do meio, o que aparece na fala de um docente:

Aquele professor que não se compromete, ele enrola, pede licença médica, porque não dá conta de trabalho pesado”. E como multiplicadores, muitas vezes após realizar os encontros nas escolas, os professores percebiam a reprodução desses discursos culpabilizantes e o quanto eles engessam as formas de enfrentamento: “se eu adoço por não aguentar o barulho infernal da escola, que está funcionando em um lugar provisório, e tiro licença, sou visto como um enrolador, [será que não seria enrolar a dor?], deixando uma turma sem aula, aumentando o barulho na escola. (LOUZADA; BARROS, 2008, p. 97).

Devemos nos questionar, antes de apenas dizer que o professor é fraco, se algo está realmente errado, e se deve ser pesquisado, debatido, repensado de várias maneiras, por diversos pesquisadores, pais dos alunos, diretores, até na própria formação do professor, enfim, a sociedade deve rever seus conceitos relativos a esse fato, porque, “o sofrimento do professor é um fato social importante pelo grande número de pessoas que afeta, pelas consequências sociais que provoca: absenteísmo, diminuição da qualidade pedagógica, enfim, pelo sofrimento humano que acarreta” (CAMANA, 2007, p. 95). Necessitamos focar nossa atenção para essa questão, afinal “proteger os docentes desse risco não é, por um lado, proteger a infância e, por outro, ajudar o mundo docente ao aliviá-lo de um sofrimento humano, que na origem é profissional?” (CAMANA, 2007, p. 120).

Só crescemos e melhoramos quando olhamos a realidade com um olhar crítico e quando falamos desse mal-estar docente devemos usar uma “lente crítica”, que nos faça enxergar a realidade docente de maneira a somar e pleitear essa causa. A sociedade se transforma a cada momento, numa velocidade espantosa e o trabalho docente sofre essas transformações, porém, as políticas públicas e a escola, muitas vezes, não estão no mesmo compasso dessas transformações. Nesse sentido, de transformações e mudanças de nossa sociedade, diz que: “[...] embora o fenômeno do mal-estar tenha dimensões individuais, ele é um fenômeno cultural e sócio-histórico e, portanto, enfrenta transformações oriundas da mudança que a sociedade atravessa” (ARANDA, 2007, p. 15).

A escola como se organiza atualmente vem sendo construída desde muitos anos atrás e isso faz parte da forma como ela se constitui, nela as mudanças são necessárias, para não haver estagnação, já que a educação não é estagnação, a educação é movimento, transformação, pois,

A escola tal como a conhecemos é o produto de uma evolução histórica bastante longa, que iniciou aproximadamente no século XVI com as “escolinhas de caridade” e os primeiros colégios. Mas é somente no fim do século XVIII que essa organização social se consolida e se difunde realmente, enquanto os séculos XIX e XX garantem sua expansão pelo viés da estatização, da obrigatoriedade escolar e da democratização do ensino (TARDIF, 2017, p. 56).

Assim, faz-se necessário compreender o sujeito que está por trás do professor, aquele que se obstina a realizar o melhor para seus alunos e, conseqüentemente, está tentando fazer o melhor para a sociedade. Quando o professor for percebido e valorizado. Como esse fio condutor de reflexões, de formação crítica e de transformações sociais, é que haverá uma transformação na

forma dele perceber-se, com orgulho como profissional necessário e útil socialmente.

CONCLUSÃO

O estudo desenvolvido integra uma pesquisa em andamento sobre o trabalho docente e o mal-estar e suas implicações na aprendizagem, com professores de Ciências e Matemática do Ensino Fundamental.

Os resultados apontam para as políticas públicas educacionais, precarização do trabalho docente, indisciplina por parte dos alunos, baixos salários, entre outros.

Sendo assim, a pesquisa sobre o mal-estar docente, ainda necessita ser averiguada, percebida por outros pesquisadores, por ser um campo de importância social, pois o professor é um dos formadores de saberes e opiniões e seu trabalho deve ser exaltado, possibilitando melhorias e qualificação para que os mesmos possam sentir-se parte de um processo de transformação social, pois a educação é capaz dessa transformação.

A partir da pesquisa de revisão de literatura, foi possível perceber a quantidade e como as pesquisas nessa área são realizadas, além de possibilitar observar as lacunas das pesquisas realizadas com o mesmo tema, dando o potencial de que outras pesquisas possam ser realizadas, encorajando o adiantamento das mesmas.

A bibliografia estudada contribuiu para compreender o trabalho docente e as causas da existência do mal-estar docente em seu ambiente de trabalho. Foi possível constatar que há correlação entre os fatos e que a pesquisa é de suma importância para percebemos como esses fatos ocorrem em lugares e até em momentos distintos.

Malaise of Science and Mathematics teachers in Elementary School II

ABSTRACT

The article presented aims to analyze the scientific productions made available in the Bank of Theses and Dissertations and in the Portal of Periodicals of CAPES on the malaise of Science and Mathematics teachers in Elementary School II. Methodologically, the bibliographical research was adopted, having as main source of data search, the Bank of Theses and Dissertations of CAPES and the Portal of Periodicals of CAPES. The collection covered the period from 2012 to 2017. The corpus of research was carried out with the descriptors “teacher malaise”, “teacher suffering”, “occupational health teacher”. The corpus of analysis consisted of seven papers dealing with teacher malaise and made it possible to visualize the panorama of teacher malaise research. The dissertations and the thesis were read and contextualized throughout the article.

KEYWORDS: Teacher malaise. Sciences. Mathematics. Malaise. Teachers’ suffering.

Malestar de los Profesores de Ciencias y Matemáticas en la Enseñanza Fundamental II

RESUMEN

El artículo aquí presentado tiene como objetivo analizar las producciones científicas disponibles en el Banco de Tesis y Disertaciones y en el Portal de Periódicos de la CAPES sobre el malestar de los profesores de Ciencias y Matemáticas en la Enseñanza Fundamental II. Metodológicamente fue adoptada la investigación bibliográfica, teniendo como fuente principal de búsqueda de datos, el Banco de Tesis y Disertaciones de la CAPES y el Portal de Periódicos de la CAPES. La recolección abarcó el período de 2012 a 2017. El corpus de investigación fue realizado con los descriptores “malestar docente”, “sufrimiento de profesores”, “salud ocupacional docente”. El corpus de análisis fue constituido de siete trabajos que tratan del malestar docente y posibilitó visualizar el panorama de la investigación “malestar” docente. Las disertaciones y la tesis fueron leídas y contextualizadas en el transcurso del artículo.

PALABRAS-CLAVE: Malestar docente. Ciências. Matemáticas. Malestar. Sufrimiento de profesores.

NOTAS

1 Somos da opinião de que essa informação talvez seja a que circula, até o momento, entre a literatura de expressão das línguas neolatinas e anglo-saxônicas. Não tivemos acesso a literatura de outras línguas, como mandarim, árabe, suáli, aramaico etc.

REFERÊNCIAS

ARANDA, Silvana Maria. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. 2007. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Ana Lúcia Coelho; MARGOTTO, Lílian (Orgs.). **Trabalho e saúde do professor: cartografias no percurso**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CAMANA, Christiane. O Sofrimento “externo” do Professor. In: POURTOIS, J.P.; MOSCONI, Nicole (Orgs.). **Prazer, sofrimento, indiferença na educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 95-120.

DINIZ, Júlio Emílio. **Formação de Professores – pesquisa, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ENGUITA, Mariano Fernandes. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de Durley de Carvalho Cavichia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

GLOBE, Norman M.; PORTER, James, F. **La cambiante función del profesor**. Madri: Narcea, 1980.

JUNQUILHO, Gilson Silva. Prefácio. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Ana Lúcia Coelho; MARGOTTO, Lílian (Orgs.). **Trabalho e saúde do professor: cartografias no percurso**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 7-8.

KONDER, Leandro. **O marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAZZARI, Carla Weirich. **Mal-estar na docência: um estudo de caso no Ensino Público da Serra Gaúcha/RS**. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, Canoas - RS, 2014.

LIMA, Márcia Dutra. **Representações sociais de trabalho docente de professores dos anos iniciais do ensino fundamental**: um estudo comparativo. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro - RJ, 2014.

LITT, Mark D., TURK, Dennis C. Sources of stress and Dissatisfaction in Experienced High School Teachers. **Journal of Educational Research**, v. 78, n. 3, p. 178-185, 1985.

LOUZADA, Ana Paula; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Trabalho docente: entre prescrições e singularidades. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Ana Lúcia Coelho; MARGOTTO, Lílian (Orgs.). **Trabalho e saúde do professor**: cartografias no percurso. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 79-99.

MACENA, Pablíane Lemes. **A formação continuada dos professores de uma escola em tempo integral e sua contribuição para o bem estar docente**. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

MACHADO, Larissa Araújo Bastos. **Mal-estar/bem-estar e profissionalização docente: um estudo de produções acadêmicas brasileiras**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2014.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico geográfico e estatístico da Província do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1878.

MILSTEIN, Mike M. et al. Organizationally based stress: What bothers teachers. **Journal of Educational Research**, v. 77, n. 5, p. 293-297, 1984.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes 2016.

NASCIMENTO, Ivany Pinto; RODRIGUES, Sônia Eli; ANJOS, Francisco Valdinei Santos (Orgs.). **As representações sociais de professores do ensino fundamental enlaçadas ao que realizam na escola**. Curitiba: Appris, 2017.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

REIS, Maria Izabel Alves dos. **O adoecimento dos trabalhadores docentes na rede pública de ensino de Belém-Pará**. 2014. 215 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém - PA, 2014.

SILVA, Ana Paula dos Santos. **Autogestão Docente de Emoções Negativas em Situações de Conflitos Relacionais na Sala de Aula**. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SILVA, Paulo Sérgio. **A saúde mental do professor**. São Paulo: Expressão & Arte Editora, Edifício, 2006.

SILVA, Rosângela Maria da. **A qualidade de vida como constructo para compreensão do mal-estar docente**. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SIMÕES, Regina Helena Silva; SALIM, Maria Alayde Alcantara; TAVARES, Johelder Xavier. Formas de adoecimento de professores capixabas no século XIX: diálogos com o passado no presente. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de; HECKERT, Ana Lúcia Coelho; MARGOTTO, Lílian (Orgs.). **Trabalho e saúde do professor: cartografias no percurso**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 25-41.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Recebido: 20 out. 2018.

Aprovado: 06 dez. 2018.

DOI: 10.3895/rtr.v3n2.8967

Como citar: POLTRONIERI, C. N. G. Mal-estar dos professores de Ciências e Matemática no Ensino Fundamental II. **R. Transmutare**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 226-245, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Cristiane do Nascimento Gonçalves Poltronieri

Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, Barra do Bugres, Mato Grosso, Brasil

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

